



Walter Benjamin: crítica, história e política

Fernando Aparecido Poiana¹

FRANCO, R. **10 Lições sobre Walter Benjamin**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Escrever um livro introdutório não é fácil. Quem escreve precisa não só ter consciência clara de que o seu leitor em potencial não é um iniciado no assunto abordado, mas também se vê obrigado a andar no fio da navalha argumentativa que separa simplicidade estilística de simplismo conceitual. Isso, é claro, sem contar que os propósitos e o escopo de um livro introdutório impõem ao crítico/comentarista (e ao editor) escolhas que podem sacrificar nuances conceituais importantes em detrimento da prosa didática e da apresentação panorâmica do tema.

Renato Franco encontra boas soluções para esses dilemas em *10 Lições sobre Walter Benjamin* (2015). Seu livro enfoca, em estilo direto e sem preciosismos linguísticos, a “[...] trajetória intelectual [de Benjamin], analisando as [suas] principais obras e conceitos, de modo a possibilitar ao estudante um esclarecimento preliminar sobre seus procedimentos, temas, itinerários” (FRANCO, 2015, p. 10-11). Fica claro nessa formulação que o recorte temático de Franco privilegia a análise das ideias de Benjamin em detrimento da elaboração de outro retrato da vida acidentada do filósofo, escolha, inclusive, que o próprio autor² faz questão de enfatizar na introdução. Além do mais, durante todo o livro, Franco nunca perde de vista o aspecto político do pensamento de Benjamin. Para o autor desse livro, essa é uma chave de leitura fundamental para compreender as noções de crítica de arte, rememoração, narração, experiência como sabedoria transmissível e história nos textos do filósofo alemão.

Feita essa contextualização, alguns pontos de *10 lições sobre Walter Benjamin* merecem especial destaque. O primeiro deles é que Franco explica muito bem a relação entre o funcionamento da memória e as dinâmicas sociais e políticas nos escritos benjaminianos. Ao comentar *Rua de Mão Única* e *Infância Berlinense 1900*, por exemplo, o autor sugere que, no limite, a rememoração da infância nesses livros guarda em si um acentuado etos político, no sentido amplo do termo. Para Franco, “a reconstituição da infância, a contrapelo, implica o desvelamento do proceso brutal de adaptação à sociedade capitalista, que tampouco sai ilesa de tal movimento reflexivo”

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), câmpus de São José do Rio Preto, SP. É bolsista CAPES.

² Para maior clareza estilística, ressalto que todas as vezes em que a palavra “autor” é utilizada nesse texto, ela retoma Renato Franco. Portanto, o “autor” não deve ser confundido com Walter Benjamin, que é sempre retomado, nessa resenha, por termos como “o filósofo” ou “o filósofo alemão”.

(2015, p. 18). O que temos aqui é o comentário sobre a constatação benjaminiana do desajuste profundo do indivíduo diante da paradoxal incivilidade do processo civilizatório burguês, calcado que é em formas arbitrárias de enquadramento. Isso, explica Franco, acaba desembocando, nos textos de Benjamin, na “[...] defesa do intelectual autônomo, independente [...]” (FRANCO, 2015, p. 19). A breve análise desse tema em *10 lições sobre Walter Benjamin* mostra que essa consciência da necessidade de soberania do pensamento, por sua vez, marcou profundamente o posicionamento e a atitude de Benjamin diante das formas de refletir e de agir sobre o mundo. O que emerge da argumentação e dos exemplos de Franco nesse ponto é a figura de um Benjamin que, como pensador, nunca dissociou a reflexão filosófica das condições materiais e sociais que a (im)possibilitam. É nesse sentido, sugere o autor, que o pensamento de Benjamin incorpora as contradições do mundo material e as torna ainda mais evidentes. De fato, Franco mostra em seu livro que, para Benjamin, refletir sobre a estética das obras literárias e dos bens culturais (pintura, cinema, fotografia), por exemplo, implicava assumir o compromisso mais profundo e desafiador de pensar a respeito das condições de produção e dos contextos histórico-sociais de surgimento dessas obras. Esse é um dos pontos centrais da crítica benjaminiana para Franco, e que a torna não só bastante fecunda do ponto de vista do seu alcance reflexivo, como também inegavelmente atual devido às questões de fundo que ela propõe.

Franco também comenta em seu livro o interesse de Benjamin pelo *Trauerspiel* para explicar como é que, a partir do estudo de um conjunto de peças alemãs, o filósofo buscou pensar a mecânica da construção de sentido. Benjamin entende a figura do alegorista como aquele que “[...] arranca o objeto de seus contextos habituais a fim de inseri-lo em contextos novos, originais, nos quais é forçado a experimentar relações inusitadas, que lhe conferem um sentido até então insuspeitado” (FRANCO, 2015, p. 43). Sentido, violência, deslocamento e choque, aqui, tem relação intrínseca, portanto. O autor explica que esse método subjacente ao estudo de Benjamin sobre o *Trauerspiel* parte do princípio de que o caminho da alegoria é, também, um percurso de ressignificação das ruínas do passado a partir de uma perspectiva interpretativa presente. Dessa maneira, a análise de Franco sugere que as semelhanças profundas entre o que foi e o que agora é podem emergir de maneira esteticamente fértil e politicamente revolucionária para o filósofo alemão. Isso porque Benjamin entende a alegoria “como implicada a um modo determinado de experiência, em uma maneira de perceber e de sentir o mundo como transitório, que em tudo sente a ameaça do declínio” (FRANCO, 2015, p. 42). Essa consciência da impermanência e, no limite, da morte, bem como do potencial significativo (e transformador) dos escombros que a historiografia positivista esqueceu é outro ponto fundamental da filosofia benjaminiana, da sua crítica literária e cultural que Franco comenta com propriedade.

Outro ponto importante discutido em *10 Lições sobre Walter Benjamin* é o interesse do filósofo alemão pelas vanguardas europeias e como ele pensou e repensou o papel da técnica na produção cultural ao examinar a relação da arte com o seu contexto de origem. No capítulo “Rumo à crítica materialista da cultura”, por exemplo, o autor explica que Benjamin defendia uma crítica que, ao mesmo tempo,

abarcasse a realização estética enquanto forma e o aspecto social de uma obra. Para o filósofo alemão, portanto, o crítico “deveria investigar os modos como as obras refletem sobre sua própria inserção na vida cultural ou social, ou como os escritores manifestam uma consciência de seu papel ou função social” (FRANCO, 2015, p. 57). Nesse sentido, o texto de Franco mostra que, como crítico, Benjamin atentava para a estrutura imanente das obras sobre as quais ele se debruçava, sua linguagem, no caso da literatura, e suas técnicas de filmagem e montagem, no caso do cinema.

O autor de *10 Lições sobre Walter Benjamin* também dá certa ênfase crítica ao modo como Benjamin buscava examinar de que maneira as escolhas técnicas do artista eram capazes de flagrar nuances da vida social que escapassem à percepção do público moderno. É nesse sentido, portanto, que “o intelectual torna-se para [Benjamin] um ser político” (FRANCO, 2015, p. 58), porque o alcance crítico-interpretativo dessa noção habilita o filósofo a compreender o modo intrincado “como funciona o aparelho burguês de produção cultural, que, ao transformar tudo em mercadoria, também assimila a crítica e tudo o que aparentemente se volta contra ele” (FRANCO, 2015, p. 62). Benjamin percebe, o livro de Franco mostra, como esse mesmo mecanismo pode converter a técnica em tecnicismo esvaziado de qualquer humanismo, possibilitando, desse modo, a existência de uma forma de barbárie totalmente aparelhada. O texto de Franco deixa claro que é a partir dessa consciência do poder de incorporação e domesticação do conteúdo revolucionário das obras e técnicas pela dinâmica capitalista que Benjamin define o seu critério de valoração crítica da literatura, da fotografia e do cinema. Para o filósofo alemão, “a obra de qualidade seria aquela capaz de, conseqüentemente, refletir sobre seu papel no processo produtivo” (FRANCO, 2015, p. 65), argumento que retoma a reflexão de Benjamin sobre o romantismo alemão. Segundo a explicação de Franco, portanto, é por meio dessa atitude de indagação sobre sua própria natureza que a obra poderia, no limite, fazer cessar a dinâmica de agenciamentos e domesticações empreendida pelas forças do capital e pela noção burguesa de progresso denunciada por Benjamin. Além disso, a argumentação de Franco também sugere que, ao mesmo tempo, é a partir dessa autoconsciência estético-histórica, tanto por parte da própria obra, quanto do crítico e do público, que poderia-se quebrar a continuidade do movimento opressor da história positivista e causalista à qual, o autor sugere, Benjamin ferrenhamente se opunha.

O exame da imagem dessa interrupção da história pretendida pelo filósofo alemão fecha *10 Lições sobre Walter Benjamin*. No capítulo “Tempo e história: para interromper o curso do mundo”, o autor discute as “Teses sobre o conceito de história”, explicando que elas foram escritas por Benjamin no limiar da Segunda Guerra Mundial e publicadas postumamente. Em linhas gerais, o conjunto desses textos constitui “uma crítica radical à noção de progresso e de tempo” (FRANCO, 2015, p. 108). O autor explica, nesse capítulo, que é a partir da crítica a essas duas concepções, em larga medida agenciadas pelo senso comum da época, que Benjamin desfere seu ataque contundente “às correntes historiográficas que [ele] genericamente denomina historicistas, ao processo social de dominação, à ideia de história universal [...]” (FRANCO, 2015, p. 109). A argumentação de Franco evidencia, nesse ponto, que o papel político do pensador que Benjamin se propôs a ser aparece,

portanto, não apenas na sua rejeição das formas de historiografia calcadas no registro causal e ininterrupto do passado, mas, principalmente, na radicalidade do seu modelo de historiografia materialista. Por meio dele, Benjamin buscava, no limite, “[...] promover uma “revolução copernicana” na historiografia, que desembocaria na afirmação da “história dos vencidos” (FRANCO, 2015, p. 109). E esse é um dos pontos mais abertamente políticos do seu pensamento.

Benjamin nunca foi um Marxista ortodoxo, explica Franco, ecoando opinião quase consensual entre os inúmeros comentaristas brasileiros e estrangeiros da obra desse filósofo, uma afirmação corroborada tanto pelos ensaios de Benjamin quanto pela sua correspondência. De todo modo, Franco tem razão ao explicar que o filósofo alemão nunca perdeu de vista o conceito de luta de classes em suas reflexões sobre a arte e história. De fato, o autor de *10 Lições sobre Walter Benjamin* sugere, pertinentemente, que o próprio fato de Benjamin falar em “vencidos” e “oprimidos” já aponta para isso. Ademais, Benjamin defendia “a explosão do continuum da história dos vencedores” (FRANCO, 2015, p. 114) como única forma de resgatar a memória dos que foram esquecidos. A imagem retomada pelo autor mostra que esse é outro traço claro da preocupação do filósofo alemão com a noção de luta de classes. Tal preocupação, o texto de Franco sugere, se manifesta quando Benjamin pensa a dinâmica da organização social e dos conflitos de interesse ou de poder que produzem sujeição e submissão na sociedade burguesa. Para Benjamin, apenas o rompimento brusco com o historicismo e com a causalidade poderia extinguir “[...] o mecanismo que garante a opressão e o poder de uma classe sobre as demais” (FRANCO, 2015, p. 114), argumento que, novamente, reforça o forte teor político dos escritos benjaminianos sobre história, ao mesmo tempo em que revela a dimensão messiânica (e, em larga medida, utópica) da sua reflexão, pontos sempre discutidos com precisão e concisão por Franco em seu livro.

Em conclusão, *10 Lições sobre Walter Benjamin* cumpre muito bem o seu objetivo de fazer um apanhado crítico geral e introdutório das principais ideias do filósofo alemão, principalmente se considerarmos que o pensamento de Benjamin, na sua expressão, sempre foi (e ainda é) bastante arredo a generalizações e avesso a tentativas de sistematização, características que o autor nunca perde de vista, nem tampouco subestima. Do livro de Franco emerge a figura de um Benjamin dotado de uma inteligência bastante perspicaz, dono de um estilo refinado de escrita, e criticamente atento às formas de configuração das diversas manifestações da barbárie. Por todas essas virtudes, *10 Lições sobre Walter Benjamin* pode interessar tanto aos não iniciados no pensamento de Benjamin quanto aos estudiosos e/ou professores experientes que queiram se aprofundar nas principais ideias desse filósofo cuja obra é indispensável se quisermos compreender o século XX e até mesmo as primeiras décadas do século XXI.